

Lígia Helena de Almeida

Matrícula 10539216

Programa de Mudança Social e Participação Política

Linha: Arte e Sociedade

Escola de Artes Ciências e Humanidades

Disciplina EAH5001: Preparação Pedagógica

Profa. Dra. Maria Eliza Mattosinho Bernardes

TRABALHO FINAL
PLANO DE AULA PARA O CURSO DE EXTENSÃO:
MEDIAÇÃO DO OLHAR: CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ESTÉTICO E ÉTICO

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Introdução

O presente curso pretende a elaboração de conceitos de mediação e observação da obra de arte em suas mais variadas linguagens considerando a necessidade de construir uma análise estética que vá além do aspecto do gosto. Uma análise estética que tenha como pressuposto o olhar ético sobre a obra de arte e sua função na sociedade, inclusive a partir de sua capacidade de aproximação das subjetividades individuais e coletivas.

Para organização da estruturação didática deste curso partimos de pressupostos pedagógicos que compreendem que “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1996. Pág. 23). Desta forma o processo de aprendizagem demanda uma ação ativa do estudante em relação a atividade pedagógica de quem ensina.

Considera-se que para a criação de uma unidade dialética entre aprendizado e ensino, para uma construção efetiva da apropriação do conhecimento é necessária a organização de uma *práxis* que promova a transformação do mundo material e social para torná-lo humano (VASQUEZ, 1977).

Público alvo

- Alunos dos cursos de graduação com participação nas disciplinas de Arte e semiótica; arte, literatura e cultura; análise cultural; animação cultural.
- Alunos da pós-graduação com pesquisas nas linhas de artes
- Pessoas interessadas em mediação do olhar e artes.

Objetivos

- Elaborar, por meio de métodos de mediação do olhar um caminho para a análise crítica da obra de arte, em suas diferentes linguagens;
- Problematizar as diferenças entre o ponto de vista pessoal e o desenvolvimento de uma análise ética do que se vê;
- Permitir aos educandos um processo teórico prático em arte que também sugira uma análise semiótica do mundo e seus significados.

Ementa

A partir da elaboração do conceito de mediação do olhar, o curso irá apresentar, por meio de encontros teórico práticos, metodologias de análise crítica da obra de arte em suas mais diferentes linguagens como forma de elaborar um pensamento crítico aprofundado em torno da estética e da ética, uma análise para além do gosto.

Plano de aula

Distribuição geral do curso: 03 encontros presenciais de 04 horas cada

Aula 01: Artes visuais
Etapa de aproximação da turma

20	Apresentação dos participantes considerando: nome, instituição/curso de origem, motivo do interesse no curso;	-
20	Breve apresentação da orientadora e do histórico que levou à realização do curso e de seus principais objetivos	slide
Etapa de desenvolvimento teórico		
Tempo	Objetivo específico/estratégia	Recursos
40	Apresentação discursiva dos conceitos apresentados na obra lida anteriormente: O que vemos, o que nos olha , de Georges Didi-Huberman;	slides
20	Divisão em pequenos grupos para análise dos conceitos da obra;	organização dos grupos por proximidade das carteiras
30	Compartilhamento das análises dos pequenos grupos.	-
Etapa de desenvolvimento prático		
Tempo	Objetivo específico/estratégia	Recursos
40	Análise coletiva da obra Guernica, de Pablo Picasso a partir das perguntas: <ul style="list-style-type: none"> ● O que vemos com os olhos? ● O que entendemos do que vemos? ● O que sentimos a partir do que entendemos? 	slide
20	Divisão em pequenos grupos para escrita de um pequeno parágrafo de análise crítica da obra.	organização dos grupos por proximidade das carteiras
30	Compartilhamento das escritas.	-

Aula 02: Cinema		
Etapa de recepção e retomada do conteúdo da aula anterior		
20	Diálogo sobre possíveis alterações e experiências no modo de ver obras de arte no decorrer da semana entre	-

	um encontro e outro.	
Etapa de desenvolvimento teórico		
Tempo	Objetivo específico/estratégia	Recursos
40	Discussão coletiva em torno da leitura anterior da obra O que você vê? , de Maria José Mondzain;	slides
20	Discussão em pequenos grupos do conceito filosófico do olhar para a autora.	organização dos grupos por proximidade das carteiras
30	Compartilhamento coletivo das elaborações em pequenos grupos.	-
Etapa de desenvolvimento prático		
Tempo	Objetivo específico/estratégia	Recursos
40	Apreciação em projeção de trechos pré-selecionados da obra filmica "Encouraçado Potenkin", de Serguei Einseinstein; Discussão em torno das perguntas: <ul style="list-style-type: none"> • O que vemos com os olhos? • O que entendemos do que vemos? • O que sentimos a partir do que entendemos? 	slide
20	Divisão em pequenos grupos para escrita de um pequeno parágrafo de análise crítica da obra.	organização dos grupos por proximidade das carteiras; papel e caneta
30	Compartilhamento das escritas.	-
Preparação para a Aula 03		
Tempo	Objetivo específico/estratégia	Recursos
10	Pedido para que os participantes sugiram ao menos 03 músicas com sonoridades que possam apoiar o processo de análise da escuta. Organização do envio	-

	das músicas e seleção durante a semana por meio de e-mail.	
--	--	--

Aula 03: Música		
Etapa de recepção e retomada do conteúdo da aula anterior		
20	Diálogo sobre possíveis alterações e experiências no modo de ver obras de arte no decorrer da semana entre um encontro e outro.	-
Etapa de desenvolvimento teórico		
Tempo	Objetivo específico/estratégia	Recursos
40	Abordagem sobre a prática de mediação do olhar com suporte de slides em torno da leitura anterior da tese Formação de espectadores: entre navegares, armadilhas e quebra-cabeças , de Thiago de Castro Leite;	slides
20	Divisão em pequenos grupos para elaboração de uma pequena proposta de prática de mediação considerando um público específico.	organização dos grupos por proximidade das carteiras
30	Compartilhamento coletivo das elaborações em pequenos grupos.	-
Etapa de desenvolvimento prático		
Tempo	Objetivo específico/estratégia	Recursos
40	Escuta coletiva de três músicas escolhidas previamente pelo próprio grupo de alunos; Debate em torno das perguntas: <ul style="list-style-type: none"> • O que ouvimos com os ouvidos? • O que entendemos do que ouvimos? • O que sentimos com o que ouvimos? 	saída de áudio no computador - caixa de som
20	Escrita individual de um trecho poético a partir de uma das músicas escutadas;	papel e caneta
30	Compartilhamento das escritas.	-

Avaliação coletiva do curso		
Tempo	Objetivo específico/estratégia	Recursos
20	Organização de uma nuvem de palavras a partir das elaborações individuais de cada participante sobre o processo do curso	Aplicativo online para construção de nuvem de palavras; projeção.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PARA AS ESCOLHAS DIDÁTICAS E ORGANIZAÇÃO DAS AULAS

A elaboração deste curso parte do pressuposto de que a Universidade Pública deve contrapor o aspecto neo-liberal em que adere ao uso intensivo e competitivo do conhecimento, adere à *Sociedade do Conhecimento*, em que o “conhecimento passa a ser a representação do próprio capital, a informação passa a ser ferramenta de poder econômico e militar e portanto secreta, bloqueando a própria democracia em que deveria estar inserida.” (CHAUÍ, 2003). Neste contraponto considera a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, considerando de mesma importância a última e sua relação com a comunidade que se relaciona com a universidade pública para além de seu público discente e docente, compreendendo a característica democratizadora e de ampliação do acesso à universidade em suas mais potentes possibilidades de ensino.

Considera que “a Universidade seja um espaço de construção crítica da sociedade, uma sociedade que se transforma e, em ciclo, transforma a universidade a partir de novas demandas” (ALMEIDA, PIMENTA, 2014).

Acredita-se, como em Almeida e Pimenta que o professor precisa ser “capaz de desenvolver uma cultura profissional que lhe assegure a possibilidade de ser, individual e coletivamente, um agente de mudança que consiga enfrentar situações problemáticas contextualizadas, em meio às quais ele saiba não só o que fazer e como fazer, mas também porque e para que fazê-lo.”

Ao elaborar estratégias para construir uma análise mais crítica sobre a obra de arte, o Curso pressupõe a necessidade de se construir conhecimento mais elaborado também sobre as análises políticas do que nos é entregue como

informação, como conhecimento. Considera, como Paulo Freire, que *ensinar não é transferir conhecimento*, mas considerar a necessidade de que a preocupação do ensino seja também a de formação da consciência ética dos educandos. Queremos, como Freire, buscar a *corporeificação das palavras pelo exemplo* - instigar nos educandos a curiosidade, a um movimento permanente de procura, a autonomia.

Em busca de uma ação pedagógica coerente com estes valores nos perguntamos, pautados na obra da Profa. Dra. Maria Sueli de Faria Sforzi, “o que seria a correta organização da aprendizagem?”.

Para a autora “não basta o professor concordar com pressupostos vygotskyanos de que o papel da escola é a humanização do sujeitos, de que o conteúdo escolar é importante para essa finalidade ou de que sua função é mediar esses conhecimentos. É necessário também que ele domine os instrumentos necessários para fazê-lo.” (SFORZI, 2015) Buscamos então princípios didáticos e ações discentes que possam ser instrumentos para este fazer.

Seguindo os quadros das três aulas oferecidas articulamos os princípios da seguinte forma:

1. O princípio do ensino que desenvolve:

Considera a possibilidade de um levantamento acerca dos conhecimentos e das habilidades de cada estudante com a finalidade de conhecer o que é comum a turma e avaliar o seu desenvolvimento atual e potencial oferecer ao professor a possibilidade de atuar coletivamente - para tal, os primeiros 20 minutos de todas as aulas são reservados a uma escuta ativa do professor sobre as percepções dos alunos em torno do tema, de suas experiências anteriores de mediação do olhar e percepção da obra de arte, de seus referenciais teóricos pré-existentes e das possíveis alterações de ponto de vista entre uma aula e outra.

Ainda em torno deste princípio, como forma mobilizar as funções psíquicas dos alunos as aulas organizam momentos seja no grupo como um todo, sejam em pequenos grupos, para que os alunos possam verbalizar suas compreensões em torno das teorias, apresentadas.

2. O princípio do caráter ativo da aprendizagem:

Momento que implica a participação efetiva do aluno na elaboração de uma síntese conceitual. Para estas etapas há sempre o momento de compartilhamento da síntese elaborada pelos pequenos grupos.

3. O princípio do caráter consciente.

Em que há o controle do foco do ensino. Aqui pressupõe uma atenção contínua de quem orienta para que o debate não transborde na superficialidade das experiências - considerando a amplitude do tema do olhar - e não se perca de seu objetivo principal que é o da elaboração de instrumentos para análise crítica e aprofundada em torno do que se vê.

4. O princípio da ação mediada pelo conceito

Pressupõe a contextualização dos conceitos nos termos de seu desenvolvimento lógico-histórico de elaboração, o que ajuda o educando a visualizar em que fenômenos é possível atuar a partir deste conceito.

Para este princípio elaboramos toda a etapa de desenvolvimento prático, em que a escolha de uma obra de arte específica (em artes-visuais, cinema e música) promovam uma prática de análise do olhar elaborada conceitualmente a partir das próprias teorias discutidas e analisadas e pressupõe uma ação efetiva sobre o objeto observado. Para esta etapa retomam-se os princípios anteriores desenvolvidos nas etapas de análise dos conceitos, como as elaborações em pequenos grupos de sínteses verbais, escritas ou poéticas em torno do que se vê, permitindo uma compreensão ativa do processo anterior.

Aqui consideramos também a *teoria do ensino para o desenvolvimento* em que “a abordagem pedagógico-didática de um conteúdo pressupõe a abordagem epistemológica deste conteúdo: o modo de lidar com uma disciplina é o modo epistemológico de lidar com ela.” (LIBÂNEO, 2015)

Todo o desenho da aula é feito a partir da busca por uma “atividade de ensino (que) promova uma atividade humana consciente - (que) apresenta finalidade e, portanto, se objetiva materialmente - constituindo uma *práxis*. Uma atividade consciente se dá, quando do reconhecimento de sua necessidade.” (BERNARDES, 2009). Considera que a *atividade de aprendizagem* “é a organização de uma *atividade comum* operada pelos educadores na *atividade de ensino* e pelos alunos na *atividade de aprendizagem*. Apenas a presença relevante e consciente de ambas as partes poderá promover uma atividade educativa.” (BERNARDES, 2009)

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PARA O CONTEÚDO DAS AULAS

Este curso sugere a construção de um processo de mediação em que o objetivo principal seja a troca entre os e as pessoas que apreciam a obra e os possíveis caminhos de seus criadores e criadoras numa perspectiva que considere as trajetórias, o território e as subjetividades de todos.

É nessa busca pedagógica que proponho uma metodologia da análise do visível na obra de arte considerando que aquilo que se vê é o que há de mais concreto - mesmo que acompanhado de adjetivação - e, portanto, mais democrático. O que vemos - seja pela ação dos olhos seja pela descrição verbal, vemos todos e todas, e então iniciamos a caminhada pela percepção do objeto analisado da mesma linha de largada.

“Ver é pensar do lado de fora...Ver, então, é sair do lado de dentro...paramos de escutar somente o interior...e descobrimos o mundo” (MONDZAIN, pg. 68). O filósofo e crítico de arte Georges Didi-Huberman sugere que tudo aquilo que vemos, em certa medida, também nos vê – seria uma relação de duplo olhar, não unilateral, mas como se nós também fôssemos dados a ver ao objeto que observamos.

Entendemos que: “as palavras devem ser concretas, pois palavras concretas se dirigem aos sentidos, compreende? Por exemplo: palavras como maçã, pedra, manga, pão, cadeira, faca são, para esse estudo, muito mais poéticas do que as palavras, tristeza, melancolia, angústia...” Compreende? Sejam objetivos: quando falamos de Fome, estamos falando do substantivo feminino que significa a necessidade de comer. E quando falamos que “alguém morre de fome, estamos falando que alguém foi assassinado. Sim, pois não se morre de fome, se mata alguém de fome. Pois comida há. Em algum lugar. Nas mãos de alguém. De poucos alguém. Compreende? Mas isso ainda diz pouco sobre a obra. (Trecho do espetáculo Ensaio Nº01: Vida e Morte, do grupo Magiluth)

Apenas depois de apresentar coletivamente o campo do visível é que passamos a acessar aquilo que integra o campo do invisível, o sentimento. Compreender aquilo que sinto quando me encontro com aquelas imagens, objetos, gestos. Verbalizar e escutar a percepção do outro, da outra - compreender aqui que

as subjetividades compõem o modo de sentir e que portanto, divergem (ou não). Aristotélidamente iniciamos uma abordagem à obra em um jogo de perguntas e respostas. Não somos nós, mediadores e mediadoras, que vamos entregar ao público nossa percepção dos aspectos éticos e estéticos do que se vê, mas a verbalização dos indivíduos que vêem é quem vai desenhando aquilo que o público compreendeu como desejo político do que se apresentou (compreendendo político como ação na polis, toda obra de arte é política). As palavras que surgem, em fricção com seus signos vão nos apresentando a dialética dos conceitos e das percepções individuais que podem haver em torno da mesma imagem:

As pessoas não estão mais de acordo quanto ao significado das palavras. Quando eu falo justiça o que vc entende? (Trecho do espetáculo Panfleto Maria, da turma 72, da EAD)

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar ,parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, pag. 24)

Estendendo o tempo da apreciação e da construção crítica no tempo DO ENCONTRO propõe um momento dialógico em que o olhar sobre a estética e a ética são pautados na própria linguagem artística. O exercício da escrita também é suscitado como forma de criar memória, registro, ação sobre o tempo, do material (o visível) ao material (a palavra).

Nesta metodologia do olhar convidamos quem observa a obra de arte a ser sujeito de sua própria mediação, protagonistas na construção coletiva de um pensamento crítico afirmando suas identidades, construindo um letramento em que

a crítica não é a vilã do artista ou sua grande salvadora, mas um lugar de troca criativa, potencializando as criações e suas ações como artistas.

BIBLIOGRAFIA DO CURSO

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.

LEITE, Thiago de Castro. *Formação de espectadores: entre navegares, armadilhas e quebra-cabeças*. 2023. Tese (Doutorado em Cultura, Filosofia e História da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. doi:10.11606/T.48.2023.tde-14042023-141448. Acesso em: 2023-06-21.

MONDZAIN, Marie José. *O que você vê?* São Paulo: Ed. Autêntica, 2012.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. Pedagogia universitária: Valorizando o ensino e a docência na universidade. *Rev. Port. de Educação, Braga*, v. 27, n. 2, p. 7-31, jun. 2014 .

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. Ensino e aprendizagem como unidade dialética na atividade pedagógica. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.) [online]*. 2009, vol.13, n.2, pp.235-242. ISSN 2175-3539.

BERNARDES, M. E. M. Modos de ação na atividade pedagógica: uma proposição de ensino e aprendizagem ativos. PBL 2010 Congresso Internacional. São Paulo, Brasil, 8-12 de fevereiro de 2010.

CHAUÍ, M. A universidade sob nova perspectiva. *Revista brasileira de educação*. Rio de Janeiro, m.24, Dec. 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e Terra, 1996.

hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. Formação de Professores e Didática para Desenvolvimento Humano. *Educ. Real.*, Porto Alegre , v. 40, n. 2, p. 629-650, June 2015 .

SFORNI, Marta Sueli de Faria. Interação entre Didática e Teoria Histórico-Cultural. *Educ. Real.*, Porto Alegre , v. 40, n. 2, p. 375-397, June 2015 .